



Pages 1 & 2 of 18-page article entitled, "AkahtiLândia: The Dream Of Ithaka" - about artist/musician/surfer, Ithaka Published in The Surfer's Journal (Brasil). Story and Photo by Jair Bortoleto - Issue: 02.3 - October/November 2013

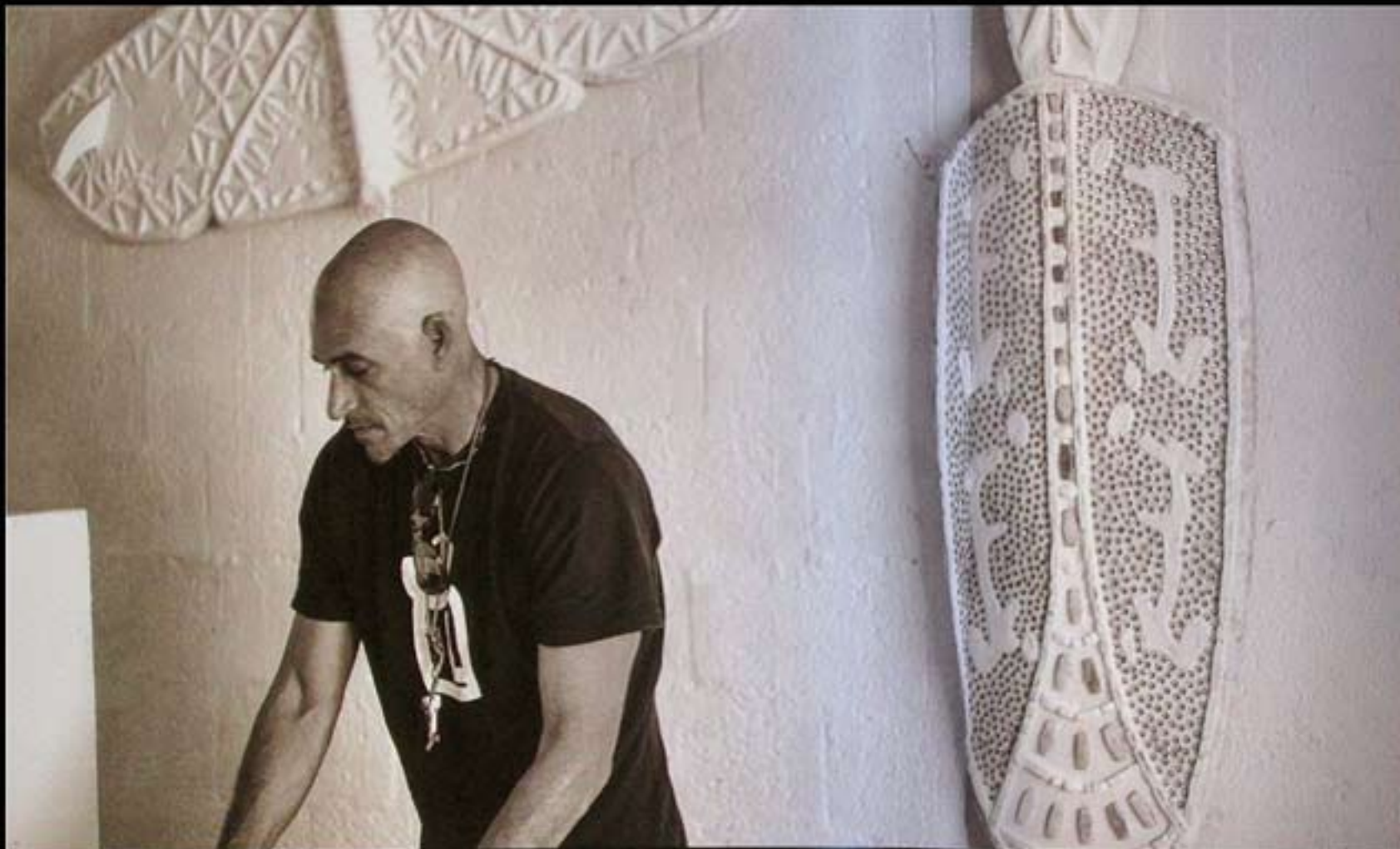
O SONHO DE ITHAKA

Encravada no meio da Mata Atlântica, AkahtiLândia é a utopia realizada do artista plástico, músico, poeta e fotógrafo californiano Ithaka. A simbiose de ateliê e casa, localizada numa rua de areia do Litoral Sul do estado de São Paulo, tem ao seu redor duas aldeias indígenas, alguns cães nervosos e uma vizinhança esparsa e acolhedora. Tudo bem simples e do jeito calmo que Ithaka gosta de viver. E como, antes de tudo, ele é um surfista convicto, a não muitas pedaladas dali estão as ondas que o colocam em sintonia com um universo paralelo, onde insetos inspiram pranchas reencarnadas e tubos perfectos quebram em plena floresta.

Entrevista por Jair Bortoleto
Legendas por Ithaka



A minha paixão mais recente, sem dúvida, são as insetos. A complexidade e as cores dessas criaturas são simplesmente demais. Como artista, eu sinto muito humilde ao lado deles e sei que nunca vou chegar perto de criar coisas tão interessantes, tão lindas. Só posso tentar imitá-los. Todas essas fotos foram tiradas no meu quintal.



Jair Bortoleto - Como o surfe apareceu na sua vida?

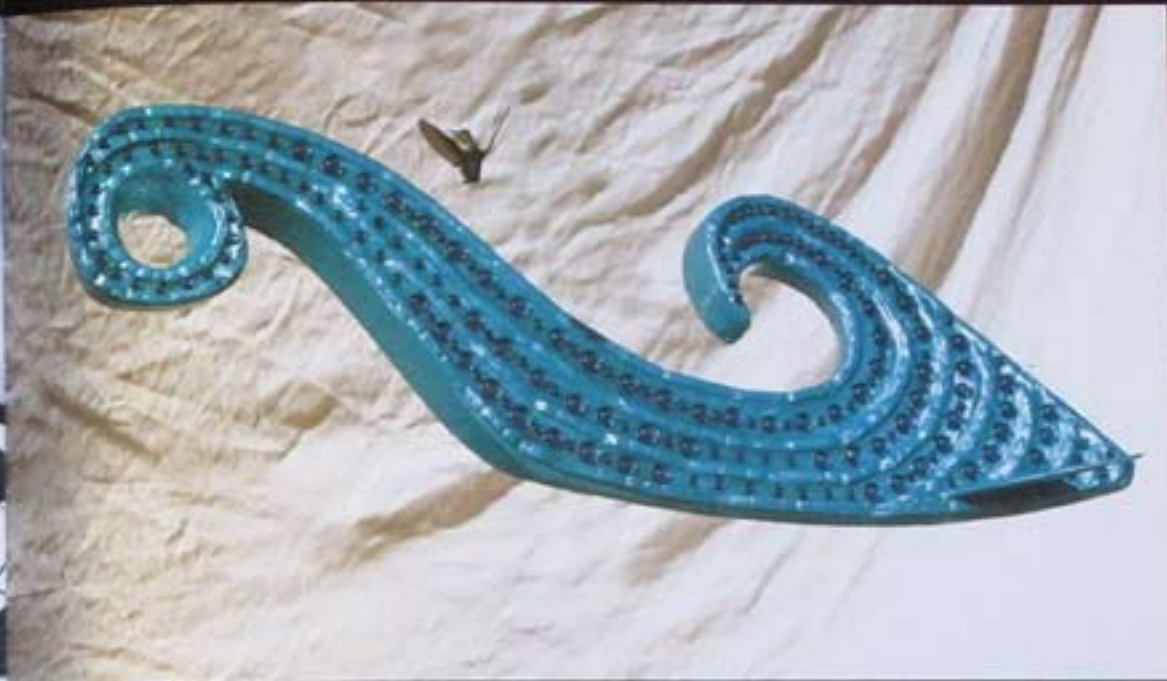
Ithaka - Fui criado no sul da Califórnia e comecei fazendo bodyboard aos 5 anos de idade durante os verões. Quando eu tinha 12 anos, fui convidado pela família de um amigo da escola para visitar a ilha de Maui, no Havaí, onde o pai dele trabalhava em uma construção. Aquela experiência no Havaí foi incrível. Um dia, alugamos um barco de pesca e passamos por vários lugares na costa oeste de Maui, chegando na baía de Honolua em um dia de ondas cristalinas de um metro e meio e, pela primeira vez, vi tubos de verdade, vistos do mar, pois estávamos no canal. Foi o dia em que me apaixonei pelo surfe. Antes de ir pro Havaí, eu tocava bateria e tinha até uma banda na Califórnia chamada Blue Lightning. Tocávamos covers do Led Zeppelin. Quando voltei

JAIR BORTOLETO

Recanto Akathi. Metade cabana de vau, metade um loft, em Reno longe. De tantos modos, acabou sendo um lugar perfeito para trabalhar - meu sonho se tornando realidade. Espaço, inspiração e tempo para criar em um lugar naturalístico com fácil acesso ao surfe. Eu não preciso sair daqui, a não ser para comprar material artístico em Sampa. Fico mesmo aqui ou me sinto útil por causa da grande quantidade de exigência. Eu surfo quando estou na Califórnia. É tão seco lá que parece difícil respirar.



JAIR BORTOLETO



"The Reincarnation Of A Surfer". Um dos maiores projetos da minha vida. Tenho feito isso por quase 25 anos. Não sei exatamente quantas esculturas eu já fiz, mas acredito que umas brezentas. E eu provavelmente vou fazer umas brezentas mais.

Pages 9 & 10 of 18-page article entitled, "AkahtiLândia: The Dream Of Ithaka" - about artist/musician/surfer, Ithaka
Published in The Surfer's Journal (Brasil). Story by Jair Bortoleto - Issue: 02.3 - Oct./Nov.2013



Tem uma parte do meu jardim que eu chamo de Beufo Faltu-de-Ithama, onde eu cultivo Ithamas. Quase sempre tem alguns tubos saindo do Akahitilândia (Ithama). É claro, depois que o Beufo passa, posso comer os Ithamas. Eu como diariamente. O pai que vive a 20 milhas sul dos havaianos e feito com Ithama, e eu tenho experimentado várias receitas com esse delícia.

pra casa, vendi minha bateria e comprei minha primeira prancha, uma 6'6" Blues Breakers, branca, monoquilha. Tive essa prancha por um ano e meio. Como eu tinha 12 anos, a prancha, uma 6'6", era grande pra mim. Depois daquela prancha eu comprei uma biquilha 5'4", mas aquele primeiro ano e meio com a monoquilha definiu meu estilo. As monoquilhas marcam o estilo do surfista de uma maneira. Minha geração começou a surfar com pranchas maiores e essa junção marca o estilo, um estilo mais tranquilo. Quem começa com pranchas menores é acostumado a fazer mais manobras.

Jair - Esse dia na baía de Honolulu foi emblemático pra você então?

Ithaka - Foi. Ano passado eu voltei e surfei a onda que inspirou minha vida. Eu já tinha surfado lá, mas ano passado foi muito especial, pois o mar estava muito parecido com aquele dia.

Jair - Como foi seu primeiro contato com a arte?

Ithaka - Minha primeira ligação foi com a fotografia. Meu pai era fotógrafo amador e sempre tinha muitas câmeras em casa. Comecei a brincar com máquinas fotográficas aos 5 anos. Com 17 anos comecei a publicar minhas fotos. Publiquei várias coisas na revista de skate Thrasher. Não fotografava nada de surfe, pois sempre estava no mar, era mais apaixonado pelo mar do que fotografar o mar. Fui assistente de fotógrafos de moda e os retratos sempre foram meu forte. Comecei a fazer retratos para a revista Elle desde os 21 anos. A Elle tinha uma seção chamada "Faces" com retratos de atores, músicos e artistas.

Jair - Quem você fotografou na época?

Ithaka - Para a Elle, fotografei Brian Wilson, dos Beach Boys, e vários outros. Depois, comecei a fotografar grupos de hardcore hip hop, fiz as primeiras capas do grupo Niggaz Wit Attitudes, N.W.A., um dos grupos icônicos do rap nos Estados Unidos. Isso marcou meu futuro como músico, pois eu tinha muito contato com a galera do hip hop e adaptei o hip hop para contar as minhas histórias.

Jair - Como você começou a fazer a arte nas pranchas?

Ithaka - Era verão de 1988, e eu estava surfando em Newport Point, Morava em Hollywood, longe da praia, mas surfava regularmente. Fui pra Newport Point naquela manhã e acabei quebrando minha prancha. Voltei pra casa e resolvi guardá-la, não joguei no lixo apesar da impossibilidade de consertá-la. Deixei de lado no apartamento alguns meses. Na época, eu pintava bastante, em telas, madeira e um dia tinha acabado meu material e comecei a pintar aquela prancha, cortei um pouco, mas deixei a forma de prancha mesmo. Um amigo passou pra visitar e gostou. Eu não liguei muito, pois não pensava na prancha como uma obra de arte. Daí as pessoas começaram a me trazer pranchas quebradas para fazer minhas artes, comecei a pintar e fui tirando e cortando mais as formas. As pranchas são uma referência da minha vida pessoal. É arte moderna, mas não necessariamente uma réplica do mar, sou um artista que usa o mar como ponto de referência. A coisa mais importante pra mim é o mar. Eu não consigo sobreviver sem o mar e a coisa que eu mais preciso na vida é o surfe, eu não preciso de muito mais do que isso, mas se isso for tirado, será retirado um grande pedaço da minha vida. O uso de prancha dentro da minha arte é uma referência da minha vida pessoal.

Jair - Por que prancha reciclada? Por que não outra coisa?

Ithaka - Porque por trás de cada prancha tem uma história. Outros objetos tem uma história por trás, mas a prancha tem uma história muito privilegiada. Elas existem para dar prazer para os donos, não tem outra razão, uma vida muita pura, ficam no sol, viajam, pegam tubo, mas depois, em poucos meses, um ano, já estão mortas. É uma maneira de dar respeito para elas. Quanta felicidade uma prancha te dá? Muda a sua vida! É só um pedaço de espuma e fibra de vidro? Não, elas mudam nossas vidas.

Jair - Você as ressuscita e dá uma sobrevida a elas?

Ithaka - Outra vida. Prancha reencontrada.



Eu e Honolulu Bay nos marcando em 2012. Esse é o pico que inspira toda minha jornada surfística. Eu a vi pela primeira vez quando tinha 12 anos, de dentro de um barco no canal, isso em 1978. A onda era perfeita e me deixou absolutamente hipnotizado. Pensei colocando pra dentro de tubos de cristal. Nunca tinha visto nada como aquilo. Eu comecei a surfar no dia seguinte em um pico mais privilegiado perto de Lahaina. Quando voltei pra Califórnia, vendi minha bateria e comprei uma prancha usada.

Jair - Quem compra suas artes?

Ithaka - Bob Hurley, Brad Gerlach, Gabriel O Pensador e alguns outros.

Jair - Quanto vale uma escultura?

Ithaka - Hoje em dia varia de três mil a cinco mil euros. Eu não tenho emprego fixo, nem outra fonte de renda. Vivo das minhas esculturas, vendas digitais das músicas para uso em filmes, jogos e vídeos. Vendo histórias e fotos para revistas, já tive uma coluna na revista americana Water por cinco anos e já publiquei histórias no *The Surfer's Journal*, *Surfer*, *Transworld Surf*, nos Estados Unidos, na *Fluir*, aqui no Brasil, em Portugal na *Surf Portugal* e *Onfire*, e na *Wavelength*, na Ingla-

terra, além de outras revistas não ligadas ao surfe.

Jair - Desde 1988 até hoje, onde você chegou com seu processo criativo?

Ithaka - Não acho que é questão de chegar a certo ponto no meu processo criativo, pois essa coisa com as pranchas vai continuar comigo para sempre e cada ano que passa as pranchas mudam, evoluem. Elas vão ser parte de mim para o resto de minha vida e replicam o que está acontecendo à minha volta. Aqui na AkahtiLândia, por exemplo, eu descobri uma coisa nova que nunca liguei muito na minha vida, os insetos. Os insetos para mim são exemplares da arte moderna mais radical que



A direita, a câmera de trilha Bushnell, um aparelho que uso todos os dias. É disparado por temperatura e movimentos. Você prende a câmera em uma árvore e a deixa lá. É completamente à prova d'água e funciona por meses com a mesma bateria. À esquerda, uma jaguatirica fotografada com esta câmera a apenas 50 metros de minha casa. É muito impressionante que eu veja uma durante o dia, pois a maior parte dos tigrinhos selvagens só saem durante a noite, quando não tem gente por perto.



a natureza produz. São muitas novas espécies que vejo aqui no terreno. No começo, minha arte nas pranchas era muito simples, sem textura. Hoje, com essa nova influência elas são mais detalhadas, brilhantes e coloridas.

Jair - De onde vêm essas cores?

Ithaka - Vêm dos insetos. As cores mais radicais que eu vi são da natureza. Qualquer cor que você tenha visto, não é comparada ao que se vê nos insetos. A natureza me dá humildade, especialmente nessa casa de insetos, pois eu sei que em toda minha vida nunca vou chegar a fazer algo tão exótico como um inseto que está a quatro metros de mim neste momento. São cores absurdamente radicais, complexas e inventivas, coisa incrível.

Jair - Além de fotógrafo e artista, você é músico. Como surgiu sua carreira musical?

Ithaka - Começou no período em que estive em Portugal. Eu viajava o mundo, morei na Grécia, no Japão e escrevia contos sobre as viagens. Quando cheguei a Portugal para expor minhas pranchas reencarnadas, fui dar uma entrevista para uma rádio local. Estavam gravando e de repente a bateria do gravador acabou, e me pediram para ir à rádio na próxima segunda-feira pra terminar. Cheguei lá e continuei a falar sobre as pranchas e a exposição. Quando o produtor chegou ao estúdio, me chamou e disse que eu tinha uma voz diferente, uma voz lenta, calma, uma voz de yu-

lium e me convidou para fazer um pequeno programa na rádio para falar sobre música americana. Depois de algumas semanas meu conhecimento sobre música se esgotou e comecei a ler meus contos das viagens e meus poemas em cima de músicas instrumentais. Depois, um grupo de dance de Portugal chamado Underground Sound Of Lisbon me convidou para gravar com eles. Gravamos uma música chamada "So Get Up", que chegou ao número oito da lista de *dance music* da Billboard, na Inglaterra. Depois dessa música adaptei minhas letras para um *hip hop* mais lento, contando minhas histórias, não da rua, mas das minhas viagens. Os primeiros dois discos que gravei lá foram nomeados para nove prêmios Blitz, que é o Grammy de Portugal. Hoje tenho sete discos gravados e o último se chama "Voiceless Blue Raven". Algumas músicas desse álbum foram feitas aqui na AkahtiLândia. As letras são sempre sobre minhas viagens e sobre a vida. Sempre na primeira pessoa, pois quem escuta sente como se me conhecesse, isso é uma coisa que eu quero mostrar com minha música, não uma coisa esotérica. Estou falando de minhas experiências aqui no planeta Terra. Algo bem pessoal. Minha vida, viagens, surfe, amor.

Jair - AkahtiLândia, como você chegou aqui?

Ithaka - Eu morava temporariamente em uma casa aqui no Centro e gostava de fazer trilhas. Chegava a ficar até 14 horas no meio do

mato. Um dia estava fazendo uma trilha lá em cima do morro e eu tive a ideia de montar um ateliê nessa área que estamos hoje. Apesar de conhecer essa parte do Brasil desde 2007, naquele dia desci o morro depois de umas nove horas de trilha e vi um posto de turismo que nunca tinha visto antes. Era perto da aldeia guarani, entrei lá e o cara me falou que tinham duas aldeias naquela área, e eu só conhecia uma, a outra aldeia é dos Itaocas. Outro dia fui lá e vi um terreno perfeito, um paraíso. No meio da mata, perto do mar. Como não conhecia essa área, pois fica escondida atrás do morro, vim de bicicleta e fui entrando nas estradinhas, peguei uma rua de areia e cheguei até o fim. Um cachorro muito bravo começou a avançar e a latir sem parar, absolutamente louco, então decidi ir embora. Quando virei a bicicleta, ouvi uma explosão. Pensei que eram fogos de artifício, olhei pra trás e tinha um cara no terraço de uma casa com uma espingarda apontada pra mim. Ele tinha atirado em mim! Me assustei bastante, era segunda-feira, umas dez da manhã. Fugi dali sem parar, mas quando cheguei bem aqui na frente dessa casa, uma senhora estava na rua e eu comecei a gritar que alguém tinha atirado em mim. As pessoas aqui não estão acostumadas com estrangeiros, mas ela falou comigo e me acalmou, disse que a bala não era pra mim, que eu estava no lugar errado e que eles devem ter achado que você fosse outra pessoa. A maneira que ela me tratou naquele momento de crise foi incrível. Ela apareceu como um anjo do mato. "Calma garoto", ela dizia. A maioria das pessoas aqui não tem contato com estrangeiros e tem medo, não vão querer falar com você. Mas ela me acalmou. Eu estava apavorado, eu não esperava aquilo naquela manhã, na rua, normal e alguém tentou me matar. Depois de me acalmar, eu perguntei pra ela sobre um terreno aqui por perto e ela me mostrou esse aqui, do lado da casa dela. O que mais me interessou aqui foi que era uma zona rural, perto de uma aldeia e perto do mar. Os mundos que eu gosto de ter juntos. Já estou aqui faz três anos. Fico uma parte do ano aqui e outra na Califórnia ou viajando. Fico aqui no

mínimo seis meses por ano e é minha base principal, minha casinha no mato.

Jair - Depois de o cara atirar, você ficou sabendo quem era e por que ele tinha atirado?

Ithaka - Depois eu conheci um dos donos do terreno. Ele tinha ido viajar e colocou um guarda pra tomar conta da casa e foi esse guarda que atirou em mim. Nem imagino o que o cara estava pensando, mas se ele tivesse me matado naquele dia, ninguém nunca iria me achar. O cara provavelmente ia me jogar dentro do mato e tchau. A dinâmica na zona rural é diferente. Todas as coisas, boas e más, estão aqui, mas em uma escala pequena.

Este é um dos meus vizinhos indígenas mais interessantes. Ele se autodenomina Maurício, pois seu nome em guarani tem umas 25 letras. Eu tentei decorear várias vezes, mas não consigo. Aqui ele está em sua cabana na aldeia, onde fuma e escuta música.



Políticos, investa, morte, você pode ver tudo aqui. A destruição ambiental é muito fácil de ver em um lugar assim. Se uma família nova chega, você começa a ver as árvores desaparecendo. Em uma cidade grande você esquece que a maioria dos materiais de construção sai de um lugar rural, seja pedra, madeira, então é fácil ver a destruição aqui perto.

Jair - Você tem uma ligação bem forte com o Brasil.

Ithaka - Eu sempre tive muita curiosidade sobre esse lugar, mas tinha certa timidez de chegar aqui. Em 1992, eu morava em Portugal, trabalhando como fotógrafo para uma revista de música. O Zori Mendes, daqui do Brasil, estava lá trabalhando na revista *Surf Portugal*, e ele me deu um cassete de um artista brasileiro chamado Gabriel O Pensador. Eu gostei bastante e vi que ele ia fazer um show em Portugal, falei com o diretor da revista que o maior artista de hip hop do Brasil ia vir pra Portugal para dar um show e que eu gostaria de fazer uma entrevista com ele, mas a resposta foi negativa. Então, eu decidi fazer sozinho, cheguei no hotel, expliquei para as pessoas que trabalhavam pra ele que eu fotografei vários artistas famosos do hip hop e que queria fotografá-lo, pois era uma pessoa importante da música brasileira. Encontrei o Gabriel e ele concordou em fazer as fotos antes do show. Como ele estava com a perna quebrada por causa de um jogo de futebol, ele deu o show sentado numa cadeira de rodas. Ele era a única outra pessoa do mundo do hip hop que eu conhecia no mundo que pegava onda, e isso foi uma grande conexão entre nós, pessoas que gostam de música urbana e que gostam do mar. Hoje em dia até pode ser comum, mas na época isso era único. Surfista tem vergonha de falar que gosta de hip hop. Eu fiquei em contato com ele e o encontrei várias vezes em Portugal e na Califórnia. A Ana Lima, na época esposa do Gabriel, sempre me convidava pra vir pro Brasil. Finalmente consegui vir. Quando falei sobre a timidez de vir pra cá, é porque o Brasil não é um lugar fácil de chegar, é

muito confuso, principalmente se você não conhece ninguém aqui. Fiquei na casa do Gabriel em São Conrado, peguei altas ondas, fiquei um mês aqui e voltei dois anos depois pra gravar um disco com uma galera do Rio de Janeiro, o Gabriel, Liminha, dos Mutantes, DJ Negralha, do Rappa, BNegão, do Planet Hemp, Marechal, muitos convidados. O disco se chama "Recorded in Rio". Durante aquela gravação eu passei três meses aqui e comecei a visitar mais regularmente, até resolver me mudar para o Rio. Sempre uma parte do ano, pois não sou residente e sempre estou viajando, fazendo exposições. Passei cinco anos *part-time* no Rio.

Jair - Hoje você é praticamente um residente forasteiro aqui. Como você vê o Brasil depois de todos esses anos?

Ithaka - Esse lugar é muito complexo, muito curioso. Tem muitas realidades diferentes dentro desse país. Parece quarenta países em um. É um lugar difícil de generalizar por causa dessas tantas realidades. Eu acho, às vezes, que os brasileiros não entendem a fortaleza desse lugar. É um lugar muito importante e poderoso. A natureza é tão importante aqui e não existe em outros lugares. É o único lugar no mapa que ainda é representada na cor verde. África, algumas linhas de verde. Estados Unidos, uma linha de verde. Aqui é verde! Tem água, riqueza e diversidade cultural. Eu acredito que as coisas estão melhorando aqui no Brasil. As pessoas estão mais liberais. Essas manifestações recentes mostram que aos poucos algo está mudando. Eu acho que a vida aqui é tão agradável que as pessoas se esquecem da parte ruim. Elas precisam lutar contra as partes ruins pra melhorar ainda mais esse lugar. Como residentes neste planeta temos direitos de querer melhorar nossas vidas e eu acho que isso começou com força recentemente aqui no Brasil. Eu gostei de ver.

Jair - E a fotografia dos insetos que você faz por aqui?

Ithaka - Quando eu cheguei aqui, eles começaram a aparecer. Todos os dias vinham insetos novos. Inúmeras variedades.



Acima, a primeira prancha reconstruída, simplesmente chamada de "The First" (1989). Era uma 5'10" com cinco quilhas feita para mim por Dennis Lewis da Spider Board. Eu amava aquela pranchinha, mas logo eu a quebrei no mar em um dia mais pesado em Newport Point. Mantive essa prancha por quase um ano até começar a platar-la e a mexer nela. Esta foto foi feita de um pier em forma de ferradura em Redondo Beach na Califórnia. Nós costumávamos surfar dentro da "ferradura" do pier. Hoje em dia é proibido surfar lá. À direita, eu não cortei a linha do molinete nessa primeira prancha, deixando-a muito parecida com uma prancha normal. Mas, começando pela segunda, decidi cortar as bordas e pintar elas todas.

Ontem mesmo eu vi quatro insetos que eu nunca tinha visto aqui. Quatro em um só dia! Sempre têm coisas novas, não tenho ideia de quantas variedades de insetos têm aqui, em três anos eu já vi umas 400 espécies. Talvez tenha 40 mil. Falam que apenas 30% dos insetos no mundo foram identificados. Os cientistas sabem pouco. Tem muita área pra explorar ainda.

Jair - Eu vi uma foto noturna colada em sua porta, como você faz essas fotos?

Ithaka - A noite é outra coisa. Não tenho oportunidades de ver o que passa por aqui e quero ter a oportunidade de ver quem são meus "vizinhos", por isso coloco a câmera infravermelha no meio do mato pra ver o que tem lá. Já fotografei jaguatiricas à 50 metros daqui. Isso é muito excitante pra mim.

Jair - O que é a AkahtiLândia pra você?

Ithaka - Um estado de espírito. Um paraísozinho. Um lugar que me deixa inspirado. Fica perto do mar e a onda é muito consistente aqui perto. A presença tão grande de insetos é uma grande coisa pra mim, me dá outro tipo de inspiração. Essa coisa dos insetos é algo meio urbano que existe dentro da natureza. Eu estou super feliz em encontrá-los aqui. ■



Vá mais fundo em AkahtiLândia em www.surfersjournal.com.br